Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013

Vídeo digital e a democratização da produção cinematográfica em Parintins/AM[1]

Renan Albuquerque RODRIGUES[2]
Graciene Silva de SIQUEIRA[3]
Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

RESUMO
O estudo discute o acesso aos meios de produção de filmes proporcionado pelo surgimento da imagem digital. Tal cenário permite que pessoas que não tenham experiência na produção cinematográfica possam concretizar seus projetos. Exemplificamos essas mudanças por meio da experiência de alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas de Parintins, que produziram curtas de ficção na disciplina optativa Produção Cinematográfica Digital.

PALAVRAS-CHAVES
Cinema; Vídeo Digital; Produção ficcional na universidade.

A IMAGEM DIGITAL

A trajetória da produção cinematográfica é marcada pelo advento de tecnologias que buscaram aprimorar a arte surgida em 1895. Primeiramente com o som, depois a cor, as experiências com as telas de projeção e, mais recentemente, o surgimento da imagem digital.

Ao incorporar essas novas tecnologias, a indústria do cinema precisou se reconfigurar, mas nenhuma mudança se compara às impostas pela imagem digital. Ela vai influenciar dois caminhos distintos de produção em cinema: a grande indústria, com seus *blockbusters*, e a produção independente.

A indústria cinematográfica descobriu a imagem digital na década de 1970, utilizando-a na criação de efeitos visuais, mas somente a partir da década de 1990 que ela vai incorporar a imagem digital à etapa de produção e posteriormente de exibição.

1 Trabalho apresentado no GP Cinema do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
2 Professor do Curso de Jornalismo do Icsez/Ufam, email: renanalbuquerque@hotmail.com.
3 Professora do Curso de Jornalismo do Icsez/Ufam, e-mail: graciennesiqueira@gmail.com.

Surgem então os filmes que vão explorar a imagem digital ao extremo como *Matrix*, *Shrek*, *Avatar*, entre outros. Os diretores vão criar efeitos visuais inimagináveis, personagens de animação que assemelham-se a personagens reais e aperfeiçoar as câmeras digitais para filmagem, como foi o caso de *Avatar*, para o qual o diretor James Cameron desenvolveu junto à Panasonic uma câmera para captura em 3D, utilizada no filme.

Quanto à produção independente, a imagem digital possibilitou a realização de projetos dispersos dos estúdios e incentivou o surgimento de uma nova geração de realizadores, muitos sem experiência anterior em produção de filmes. Assim, para Dantas (2007, p. 152), a "Democratização é o lado revolucionário da tecnologia digital". Ele acrescenta que não se trata de uma discussão quanto à qualidade da imagem, afinal, é consenso à superioridade da película, mas tão somente do acesso aos meios de produção possibilitados pela tecnologia digital.

O vídeo digital surge na cinematografia brasileira a partir da década de 1980, sendo explorado principalmente na pós-produção e no armazenamento do material, com a captação da imagem ainda feita em processo analógico (GERBASE, 2003). Já as câmeras para captação em formato digital foram colocadas no mercado a partir de 1997, com a promessa de alto grau de qualidade e definição.

A década de 90 vai ser marcada ainda por um crescimento na produção documentária em vídeo, feito este atribuído ao baixo custo das câmeras digitais, a possibilidade de se adquirir programas profissionais de edição e a exibição de documentários em vídeo em festivais de cinema.

Além das novas possibilidades na produção, a imagem digital tem contribuído ainda com a exibição de filmes em novas plataformas como à internet. Filmes produzidos em câmeras celulares, câmeras fotográficas e filmadoras encontram na rede vantagens como o fato de ser acessível à maioria das pessoas, exigir baixo investimento e possibilitar uma distribuição em maior número (exemplo do *YouTube*, cuja exibição de vídeos é de 100 milhões por dia e dos sites especializados em difusão de filmes

produzidos por produtores independentes).

Percebemos assim, um novo cenário para a produção cinematográfica que vai consolidar a produção independente e ao mesmo tempo incentivar o surgimento de novos realizadores fora dos grandes centros produtores de filmes em vários países, entre eles o Brasil. No Amazonas, destacamos a cidade de Parintins, no interior do Estado, que, desde 2004, tem apresentando regularidade na produção de filmes de um e quatro minutos diretamente influenciada pela democratização nos meios de produção cinematográfica, cenário do qual a Universidade Federal do Amazonas passa a fazer parte em 2011.

PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA EM PARINTINS

O primeiro estudo sobre a produção cinematográfica em Parintins é de Godinho e Hudson (2012) que apontam o filme de um minuto *O lamento*, de Ray Santos, como o primeiro curta produzido em Parintins, em 2004. A produção resultou de uma oficina ministrada por Júnior Rodrigues, que iniciou projeto de incentivo à produção cinematográfica em Manaus, a partir de 2000.

Parintins, assim como outras cidades do interior, fizeram parte da iniciativa cujo objetivo era estimular a produção cinematográfica regional, o que se tornou possível tendo em vista as possibilidades trazidas pela imagem digital. Vale destacar que a produção na capital também foi estimulada pela tecnologia digital, uma vez grande parte dos filmes produzidos em Manaus nas décadas de 1920 e 1970 eram realizados em película, fato que impediu uma regularidade na produção de filmes, por conta dos altos custos.

As oficinas de produção foram realizadas em outros 18 municípios e como resultado delas surgiram filmes de ficção e documentários que seriam absorvidos pelos festivais que serão criados posteriormente, também como parte do processo de estímulo à produção de filmes no Amazonas.

Os festivais de filmes de um e quatro minutos surgiram a partir de 2002, tendo

como principal objetivo servir como janela de exibição dos curtas produzidos nas oficinas de produção cinematográfica tanto da capital, quanto do interior. Com os equipamentos fornecidos durante as oficinas, pessoas que nunca haviam produzido, seja por falta de recursos, seja porque não havia interesse na arte anteriormente, concretizam seus projetos.

Em Parintins, alguns realizadores que vão surgir desse período são Ray Santos, Armando Queiroz, Kelly Sobral, Doug Henrique e Harald Dinelli. O ano de 2006, até então, será o melhor ano para a produção de filmes na Ilha Tupinambarana. Godinho e Hudson (2012) apontam que nesse mesmo ano serão produzidos os filmes *Pânico no vilarejo*, de Concy Rodrigues, *A doutora*, de Harald Dinelli, *Moeda nacional*, de Armando Queiroz, e *Vítimas carentes*, de Doug Henrique.

Outro momento importante para o cinema parintinense foi a criação da Associação Parintinense de Cinema (Apincine), em 2007. Ela agregou os realizadores parintinenses e buscou a promoção de eventos relacionados ao cinema, como o I Parintins *Cine Fest*, cuja primeira edição (e até então única) ocorreu em 2011. A exemplo do modelo implantado por Júnior Rodrigues, o evento promoveu curso de roteiro no qual foram selecionados alguns trabalhos que tiveram acesso a equipamentos para a produção dos filmes.

O Parintins Cine Fest marcou ainda a incursão de alunos do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Ufam na produção de filmes de ficção de curta duração com os filmes *Rai Vai, Sonhos de Curumim* e *Alegoria da Preguiça.*

PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA NA UFAM

Os curtas *Rai Vai*, *Sonhos de Curumim* e *Alegoria da Preguiça* foram produzidos como trabalhos finais da disciplina Produção Cinematográfica Digital, ministrada pela primeira vez em 2011.

O objetivo da disciplina (conforme ementa), foi discutir as transformações pelas quais a produção cinematográfica tem passado, da sua feitura em película para a digital,

as etapas de produção de um filme (ficcional e documental) e a democratização da produção em cinema proporcionada com o surgimento de câmeras de vídeo digital.

Antes, porém, de questões práticas sobre produção, foi necessária breve explanação de questões teóricas, como a história do surgimento do cinema, os principais movimentos de estilo, dando ênfase à questão técnica e como essa influenciou na realização de filmes, como o advento do som, o surgimento da cor, a experiência com dimensões de telas, entre outros.

A disciplina não teve a pretensão de formar realizadores de cinema, tarefa que cabe a um curso de cinema ou de produção audiovisual específicos, no entanto, compreendemos que para se discutir cinema, ainda que do ponto de vista técnico, é necessário conhecer suas origens.

Após esta trajetória inicial, a disciplina deteve-se na produção contemporânea cujo aumento significativo se deve em grande parte ao surgimento da imagem digital. Ela democratizou o acesso de muitos aos meios de produção cinematográfica, até então restrito a poucos, devido aos altos custos com a realização em película, suporte dominante por mais de cem anos.

Durante o processo para a melhor compreensão da produção cinematográfica em película e digital, foram exibidos filmes (ficção e documental) assim como o *making of* destes, para que os alunos pudessem conhecer os recursos disponíveis na produção com captura digital e como esses estavam sendo utilizados pelos diretores.

A seguir, foi proposto aos alunos, conforme Plano de Ensino da disciplina, que produzissem um curta, ficção ou documentário e, como primeira etapa da atividade, eles iniciaram fase de planejamento, com reuniões assessoradas pela professora. Divididos em três grupos, os alunos decidiram unanimemente por filmes de ficção de até quatro minutos, enfocando alguma temática regional.

A exemplo do que ocorre em uma equipe de produção, cada aluno assumiu uma tarefa na realização do filme, entre as quais estavam: roteiro, produção, direção, direção de fotografia, direção de arte e direção do *making of.*

Como resultado, foram produzidos os filmes *Rai-Vai*, que narra a história de um interiorano que vai à cidade, no caso Parintins, descobrir o que é a tal de *Rai-Vai* (*wi-fi*, internet sem fio), da qual seu filho não para de falar; *Alegoria da Preguiça*: um diálogo interior, monólogo de um caboclo sobre a essencialidade do trabalho; e, *Sonhos de Curumim*, onde o pequeno Cirineu tem encontros fantásticos com personagens do folclore amazônico, como o Curupira, a Iara e o Boto.

Ao fim da disciplina, os filmes foram exibidos em noite dedicada ao cinema, no auditório da Ufam em Parintins, com a presença dos alunos e professores do curso de Comunicação Social.

Foi interessante perceber o tratamento dado pelos alunos a temas de sua vivência, tendo como suporte o audiovisual. O produto final surpreendeu pela qualidade da imagem, pela narrativa proposta e pela composição dos planos. Como nessa época não havia técnico da universidade para operar as câmeras na captação das imagens, os alunos optaram por usar equipamento próprio ou emprestar de terceiros. Foram utilizadas câmeras Z5 da Sony.

Desde o início da disciplina, foi pensada a produção de filmes de até quatro minutos com o objetivo inscrevê-lo no *Cine Fest* festival de filmes de curta duração, que aconteceria em julho de 2011 em Parintins, logo ao fim do período de aula.

No festival, *Rai-Vai* e *Alegoria da Preguiça* foram indicados a categorias como melhor fotografia e melhor ator e atriz, e, apesar de não receber nenhum prêmio, a experiência motivou os alunos a inscreverem seus filmes em outros festivais de cinema no Amazonas. Entre os curtas produzidos em Parintins em 2011, *Alegoria da Preguiça* foi o que teve melhor carreira.

O curta venceu as categorias de melhor filme, melhor roteiro e melhor fotografia no Festival Curta 4.7 e de melhor roteiro na 8ª edição do Amazonas *Film Festival*, todos em Manaus, sendo o último evento consolidado no calendário de festivais internacionais. *Alegoria da Preguiça* foi o primeiro filme de um interior do Amazonas a ser selecionado para o Amazonas *Film Festival*.

Como resultado, alguns alunos tiveram oportunidade de aprimorar os conhecimentos obtidos durante a disciplina. O diretor do curta *Alegoria da Preguiça* ganhou uma bolsa para estudar cinema em Cuba e o diretor do filme *Rai-Vai* foi convidado a trabalhar como assistente de direção na produção de um *blu-ray* de uma associação folclórica de boi em Parintins.

Em 2012, segundo ano em que a disciplina foi ministrada, houve proposta semelhante a da primeira turma, mas que teve de ser reformulada por conta da greve nacional deflagrada pelos professores no período. Assim, em vez de três curtas, foi produzido apenas um.

A experiência foi interessante dadas às circunstâncias, pois o curta teve de ser pensado levando em consideração a falta de tempo para uma produção mais elaborada. Daí surgiu a ideia de gravar em um único dia, em uma única locação, no caso, a sala de aula. Todos os alunos, assim, assumiram tarefas na produção, onde um grupo ficou responsável pelo roteiro, outro pela produção e a maior parte foi elenco de apoio do curta *Filhos de Bellan*.

O curta é sobre a relação professor-aluno, onde cada um cria expectativas sobre o processo ensino-aprendizagem e como estes às vezes podem estar em conflito. Como resultado, o mesmo foi indicado pela Ufam para participar do Intercom Regional, no Prêmio Expocom, que aconteceu em maio de 2013 em Manaus.

É necessário destacar que Parintins, sendo uma ilha e distante da capital, não oportuniza muitos momentos para a produção em cinema e muito menos na capacitação dos realizadores. Porém, por conta do suporte digital, foi possível produzir filmes no âmbito universitário.

CONCLUSÕES

Podemos ressaltar como principais resultados dessa experiência i) o aprendizado dos alunos sobre a produção cinematográfica em suporte digital e ii) a possibilidade deles produzirem seus próprios filmes. Um exemplo de como a produção

cinematográfica está hoje acessível a milhares de pessoas, não importando o quão distante essas estejam do centro produtor de filmes brasileiro, no caso as regiões Sul e Sudeste. Afinal, estamos falando de uma ilha no coração da Amazônia.

O objetivo não era formar profissionais na captação e na edição de imagens, mas tão somente dar oportunidade aos alunos universitários, fomentando conhecimento na produção cinematográfica, hoje acessível por conta do barateamento dos custos com o suporte digital. A experiência trouxe reconhecimento aos trabalhos dos alunos e da universidade com a cobertura da mídia local, regional e nacional durante os festivais.

Paralelo às atividades do projeto de extensão, os alunos da Ufam tiveram também orientações sobre como manusear a câmera de vídeo (profissional) e editar imagens, atividades essas que não são oferecidas pelo curso de Jornalismo nem mesmo como atividade extra. Na falta de um técnico no laboratório de videodifusão, há mais de um ano os equipamentos não estavam sendo utilizados e turmas, como a que participou da disciplina, só tiveram contato com as câmeras por meio das aulas de produção cinematográfica.

Por fim, tendo em vista o caráter optativo da disciplina, foi uma grata surpresa o engajamento dos alunos no cumprimento das tarefas, uma vez que utilizaram de recursos próprios e se dedicaram à realização, com entrevistas prévias e visitas às locações, algumas apenas com acesso fluvial.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Thiago Afonso Godinho; SOUZA, Jones Hudson Martins de. **Cinema em Parintins:** um documentário sobre as produções de curta metragem de um e quatro minutos. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Amazonas. Orientador: Graciene Silva de Siqueira.

DANTAS, Marcelo. **Pra que sentido?** O digital e suas ramificações. In: BENTES, Ivana (Org.) Ecos do cinema: de Lumière ao digital. Rio de Janeiro: Editora URJ, 2007.

GERBASE, Carlos. **Impactos das tecnologias digitais na narrativa cinematográfica.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SIQUEIRA, Graciene Silva de. **Vídeo digital:** uma alternativa à produção cinematográfica em Manaus (AM). Manaus, 2011, 263 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Amazonas.

VALE, Selda. (org.) O cinema em Manaus nos anos 60 e 70. **Somanlu:** revista do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, n. 7, p. 71-100. Edição Especial.